



Imperialismo, colonialismo e anti-imperialismo em Piotr Kropotkin (1885-1918)

Imperialism, colonialism and anti-imperialism in Piotr Kropotkin (1885-1918)

Imperialismo, colonialismo y antiimperialismo en Piotr Kropotkin (1885-1918)

Rafael Viana da Silva [*]

[*] Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail de contato: rafaelviana@id.uff.br.

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar a perspectiva de Piotr Kropotkin sobre o fenômeno do imperialismo e suas posições estratégicas relativas ao anti-imperialismo. A partir da leitura de diferentes artigos, livros e textos do anarquista russo, buscamos compreender qual é a caracterização que Kropotkin faz desse fenômeno, no período de 1885 a 1918. O artigo busca compreender a relação que Kropotkin estabelece entre o capitalismo industrial e as guerras imperialistas, que em sua concepção, são provocadas prioritariamente pela ação do capitalismo financeiro.

Palavras-chave: Piotr Kropotkin, imperialismo, anti-imperialismo, anarquismo.

Abstract: The aim of this text is to analyse Piotr Kropotkin's perspective on the phenomenon of imperialism and his strategic positions on anti-imperialism. By reading different articles, books and texts of the Russian anarchist, we seek to understand Kropotkin's characterisation of this phenomenon from 1885 to 1918. The article seeks to understand the relationship that Kropotkin establishes between industrial capitalism and imperialist wars, which in his view is caused primarily by the actions of financial capitalism.

Keywords: imperialism, anti-imperialism, anarchism.

Resumen: El objetivo de este texto es analizar la perspectiva de Piotr Kropotkin sobre el fenómeno del imperialismo y sus posiciones estratégicas sobre el antiimperialismo. A través de la lectura de diferentes artículos, libros y textos del anarquista ruso, buscamos comprender la caracterización que Kropotkin hace de este fenómeno entre 1885 y 1918. El artículo busca comprender la relación que Kropotkin establece entre el capitalismo industrial y las guerras imperialistas, que en su opinión son causadas principalmente por la acción del capitalismo financiero.

Palabras clave: imperialismo, antiimperialismo, anarquismo.

Introdução

Piotr Kropotkin, um dos autores mais consagrados dentro do anarquismo, ficou conhecido tanto por suas contribuições ideológicas na imprensa libertária como por suas análises científicas, em específico no campo da geografia. Diferentes temas foram alvo de Kropotkin ao longo de sua vida, o que resultou em diferentes estudos acadêmicos contemporâneos, que analisaram sua contribuição histórica, geográfica e pedagógica. Contudo, observa-se que há uma escassa reflexão contemporânea em torno da sua análise sobre o imperialismo e suas proposições anti-imperialistas.

Como observam alguns autores (Bertonha, 2023), na tradição ocidental há dois conceitos principais de império. Um é relacionado ao poder supremo dentro de um dado Estado em oposição à república e à democracia; e, outro mais abrangente se relaciona a uma entidade política que domina grandes áreas e exerce soberania sobre outros povos, culturas e nacionalidades, estabelecendo relações de poder desiguais (Bertonha, 2023, 9). Em relação ao colonialismo, apesar de a historiografia em geral ter trabalhado o conceito como praticamente um sinônimo de imperialismo, são fenômenos distintos. Enquanto o termo “colônia” é relativamente antigo, o termo “colonialismo” foi utilizado pela primeira vez na segunda metade do século XIX e só na década de 1880 que foi utilizado claramente na acepção de um sistema ou princípio colonial (Kumar, 2021, 287) associado ao imperialismo, momento em que Kropotkin escreve suas principais obras sobre o tema.

Há um prolífico debate sobre o conceito de colonialismo que não aprofundaremos aqui, mas basta dizer que a discussão gira em torno da sua relação com o imperialismo. Debate este que pode ter definições que aproximam o conceito de colonialismo de uma definição mais estrita, que envolveria necessariamente a fixação territorial de um grupo de colonos a partir de um projeto imperial e definições mais amplas, que defendem que o colonialismo assume formas mais amplas de dominação, que vão desde a fixação territorial à dependência em seu sentido lato. Concordamos em grande medida com o segundo sentido. O imperialismo do final do século XIX, objeto de debate deste artigo e da reflexão de Piotr Kropotkin, serviu-se do colonialismo neste sentido lato quando conveniente, tendo sido alvo de oposição por uma gama de militantes socialistas e anarquistas.

Piotr Kropotkin, juntamente com Mikhail Bakunin, foi a figura-chave mais importante para o anarquismo global no período de sua formação¹. Ao contrário do que defende uma perspectiva fragmentária, oriunda de uma tradicional história das ideias, largamente criticada pela historiografia do anarquismo², as principais ideias políticas do anarquismo no final do século XIX e início do século

¹ Segundo Walt: “Se o marxismo clássico contou com Marx e Engels, o anarquismo e o sindicalismo foram formulados principalmente por duas de suas imponentes figuras: Bakunin e Kropotkin” (Walt, 2016, 88).

² Para uma crítica específica neste sentido, Cf. Silva, 2015.

XX foram desenvolvidas por estes dois pensadores, com base em experiências de luta diversas, que formatariam a ideologia anarquista no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Há um consenso bem estabelecido no campo da historiografia contemporânea, apontando que a segunda metade do século XIX é um período de profundas transformações políticas, sociais e econômicas no globo terrestre, cujo epicentro é a consolidação do capitalismo industrial na Europa e a do avanço do imperialismo europeu. Da mesma forma, é bem assentada a ideia que identifica a formação do anarquismo durante esse contexto.

É neste momento de mudança política que as principais bases do capitalismo industrial são fincadas em solo europeu. Falcon (1985) aponta três momentos na consolidação do capitalismo industrial global. A primeira seria uma etapa de formação, ascensão e estabelecimento de formas capitalistas e burguesas da sociedade liberal, que vai de 1760/80 até 1870/80. A segunda etapa é de expansão, com o desenvolvimento do capitalismo monopolista e a expansão colonial imperialista, entre os anos de 1870/80 e 1914/18. Este segundo momento ficou conhecido como o período da chamada “Era dos Impérios” ou “Era dos Imperialismos”. É principalmente no segundo período que o fenômeno do imperialismo se aprofunda e se desenvolve. E, a terceira fase, posterior a 1914/18, é um momento de crise. É nesta fase que ocorre o que Bertonha chama de renovação, colapso e renascimento dos impérios (Bertonha, 2023, 135).

A despeito da pertinência dos conceitos, a Era dos Imperialismos se refere a um período específico da história humana, compreendido entre 1875 e 1914 (a periodização mais aceita, mas alguns a prolongam até 1945) a partir do qual os impérios adquiriram características particulares que os distinguiram dos períodos anteriores, assim como sua forma e ideologia de dominação também se modificaram (Bertonha, 2023, 10). Imperialismo seria o conceito que define esse conjunto de práticas e ações que permitem a subordinação formal ou informal de Estados nacionais a outros Estados e povos, em diferentes esferas da realidade (cultura, economia, política).

A militância política de Mikhail Bakunin (1814-1876) foi integralmente vivida no primeiro período, e a de Piotr Kropotkin (1842-1921), majoritariamente no segundo. Apesar de nunca terem se encontrado pessoalmente, ambos os revolucionários não apenas influenciaram decisivamente o campo político anarquista, mas desenvolveram teses importantes sobre a questão do imperialismo, a questão nacional e o anti-imperialismo. Contribuições que, em geral, são pouco abordadas na historiografia social³. Se há elementos inovadores no pensamento de Kropotkin, como a incorporação do método científico em oposição à filosofia hegeliana da história (característica de Bakunin) no campo da análise do imperialismo, observamos certa continuidade de posições.

³ Curiosamente há mais trabalhos sobre a questão nacional e o imperialismo em Bakunin do que em Kropotkin.

Pretendemos focar na contribuição de Piotr Kropotkin a análise do imperialismo e do colonialismo entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, período marcado por disputas políticas imperialistas, guerras e avanço do colonialismo em termos globais. Para isso, nos servimos dos livros, artigos e textos de Kropotkin publicados em português, espanhol e inglês disponíveis em diferentes tipos de plataforma.

A metodologia adotada no presente artigo buscou analisar o maior número possível de artigos, livros e textos de Kropotkin publicados na imprensa operária e anarquista e, em seguida, procurar identificar qual é a análise do autor sobre o imperialismo e o colonialismo.

Uma breve trajetória política: vida e militância de Piotr Kropotkin

Oriundo de uma família nobre da Rússia, integrante da alta aristocracia dos Rurik (Skoda, 2013), a questão nacional perpassou toda a vida de Piotr Kropotkin. Este era filho de um general russo que participou da guerra russo-turca, foi comandante militar durante as guerras napoleônicas (1803-1815) e a guerra russo-polonesa (1830-1831). Tendo ingressado no exército e atuado cinco anos na região da Sibéria (entre os dezenove e vinte e cinco anos), Kropotkin foi preparado para ser um oficial militar, mas, ainda em território siberiano, passa a se radicalizar politicamente e abandona as forças militares, justamente por sua recusa em participar da repressão russa ao levante polonês de Irkutsk. A questão nacional e a opressão imperialista fizeram parte de sua trajetória em sua juventude. Os poloneses viviam sob a dominação russa, prussiana e austríaca e, assim como outros povos europeus, viviam sob o jugo das grandes potências centrais.

Do ponto de vista das disputas nacionalistas, a Europa já vivia um período efervescente, e foi durante a década de 70 que Kropotkin passou a ter contato com os círculos socialistas na Europa Ocidental, durante o período da guerra franco-prussiana. Ao retornar à Rússia, já no contexto da dura repressão posterior a experiência da Comuna de Paris, passou a atuar junto ao círculo Tchaikovsky e foi preso em 1874. Imerso no contexto do movimento operário e do anarquismo europeu, viveu o exílio na Europa de maneira ativa, produzindo diversas análises sobre as políticas imperialistas dos Estados europeus. Suas publicações circularam por jornais anarquistas como *Le Revolté*, *The Nineteenth Century*, *La Société Nouvelle*, *The Labour Leader*, *Les Temps Nouveaux*, *Freedom*, *Le Réveil*, *La Libre Fédération*, etc. Durante a década de 1880, a coletânea de artigos de Kropotkin publicados na imprensa operária e anarquista é reunida num livro intitulado “A Conquista do Pão”, um dos maiores clássicos e talvez seu trabalho de maior relevância e impacto dentro do anarquismo.

Sua formação científica não impediu que escrevesse de maneira clara e didática, interferindo nos debates políticos dos congressos operários e socialistas do período. Sua perspectiva anti-imperialista mesclou-se às suas concepções anarquistas e certamente tiveram uma influência que não foi suficientemente dimensionada.

Imperialismo, anti-imperialismo e anarquismo

Mais recentemente, diferentes iniciativas de pesquisa vêm aprofundando a relação histórica entre as perspectivas anti-imperialistas e o anarquismo. Como ressaltado por Walt, “o movimento anarquista, anarcossindicalista e sindicalista revolucionário tem uma longa história de envolvimento com as lutas anti-imperialistas, anticoloniais e de libertação nacional, desde seu surgimento” (Walt, 2019, 1). Essa relação não vem sendo apenas estudada do ponto de vista factual, mas também do ponto de vista da reformulação conceitual sobre o estudo do anarquismo, associando-se às perspectivas teóricas da História Global, da História Comparada e da História Transnacional. O resultado desse movimento de renovação nos estudos do anarquismo também causou uma mudança em diferentes paradigmas, principalmente na perspectiva que via os “movimentos [anarquistas] no mundo colonial e pós-colonial como meras imitações ou extensões dos movimentos europeus” (Walt; Hirsch, 2010, xxxi) Esses movimentos passaram a ser reexaminados numa relação mais dialética e com foco mais global (menos eurocêntrico). Essa renovação teve também outros efeitos, aprofundando temáticas como o imperialismo, o colonialismo, o racismo e as percepções políticas sobre o nacionalismo. A atenção ao transnacionalismo também passou a ser decisiva nos estudos, reforçando a perspectiva de pesquisa que tenta compreender como anarquistas e sindicalistas se relacionaram com o imperialismo, os movimentos anticoloniais e a questão nacional (Walt; Hirsch, 2010, xxxii).

Uma tese relevante nesse sentido aponta que “em um nível os próprios circuitos e centros do imperialismo, do capitalismo industrial e da formação do Estado forneceram o nexos no qual seus nêmesis, os anarquistas e sindicalistas emergiram”, tendo em vista que as redes de migração – que erodiram a insularidade –, a brutalidade rotineira dos Estados (coloniais e pós-coloniais), as condições de trabalho, as divisões raciais, regionais e nacionais e a ascensão do nacionalismo, fizeram com que os anarquistas tivessem que dar uma resposta, tanto em nível teórico (Walt; Hirsch, 2010, xxxii) quanto prático.

Aprofundando essa tese, compreendemos que o pensamento de Kropotkin não pode ser divorciado de sua posição anti-imperialista e de sua análise do imperialismo. Curiosamente, essa sua

faceta não tenha sido muito explorada, principalmente em língua portuguesa. Nesse sentido, o anarquismo em que Kropotkin se insere como uma ideologia surgida na segunda metade do século XIX – em específico na década de 1860 – no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores formulou uma crítica ao capitalismo e ao antiestatismo, num contexto de avanço do imperialismo e do nacionalismo de maneira global. A crítica antiestatista do anarquismo está intimamente ligada à atuação dos Estados nacionais no alvorecer do imperialismo. Sua principal ferramenta política foi o sindicalismo revolucionário, uma estratégia sindical internacionalista que promoveu a fundação de diferentes associações sindicais, cuja perspectiva de luta por reformas sociais foi acompanhada de um objetivo finalista de transformação radical da sociedade, a partir do qual os sindicatos hegemônicos por essa estratégia seriam a semente de uma ordem social coletivizada e gerenciadas pelos trabalhadores (Walt; Hirsch, 2010, xxxvi).

Mas, qual seria a relação concreta que o anarquismo estabeleceu com as lutas de libertação nacional, tendo em vista que sua fisionomia política antiestatista e socialista era distinta dos movimentos de independência? Um determinado senso comum aponta que, por serem contrários ao princípio da nacionalidade, os anarquistas se mantiveram alijados de quaisquer tipos de discussões nacionais. Porém, tal afirmativa não resiste à análise histórica.

Segundo Walt e Hirsch – e orientados por uma História Global e Transnacional –, ao longo de seus 150 anos, os anarquistas e sindicalistas revolucionários parecem ter adotado três abordagens fundamentais sobre as lutas de libertação nacional. A primeira definia que “as atuais lutas pela independência eram fúteis, na medida em que eram vistas como uma simples substituição de opressores estrangeiros por opressores locais” (Walt; Hirsch, 2010, lxii). A segunda abraçava o nacionalismo de maneira ativa e não crítica, e via o programa nacionalista como uma etapa para a sociedade anarco-comunista (Walt; Hirsch, 2010, lxii). A terceira posição entendia as lutas de libertação nacional como parte do programa libertário e da própria luta de classes, compreendendo que os anarquistas e sindicalistas revolucionários deveriam empurrar as lutas de libertação nacional “para uma revolução social internacionalista e anti-estatista” (Walt; Hirsch, 2010, lxii)⁴.

Cabe contextualizar que, após as Revoluções de 1848, a Europa passou por um curto período de rara calma nas suas relações entre Estados (Moraes, 2019, 125). Foi durante essa vaga revolucionária (de 1830 e 1840) que Bakunin produziu suas principais teses sobre o Estado e sua perspectiva de “autogoverno do povo” (Corrêa, 2019, 151-154). Esses movimentos revolucionários possuíam perspectivas democratizantes e liberais, mas também conviviam com a presença de reformadores sociais que caminhavam em direção ao socialismo. O próprio Bakunin, ainda não

⁴ Parece que Kropotkin adotou na maior parte de sua vida, esta terceira abordagem.

declarado anarquista, participara desses eventos e apoiara a luta dos poloneses contra a dominação russa⁵. Chocando-se com o nacionalismo da época, Bakunin cedo compreendia que as lutas por soberania popular não poderiam ser realizadas sem que essas se diferenciasssem das reivindicações dos governos nacionais, e que as lutas nacionais fatalmente esbarrariam no contexto reacionário das tentativas de restauração conservadora, operadas pelos exércitos da Santa Aliança. O patriotismo, uma novidade da época, foi compreendido por Bakunin como um novo instrumento de dominação, agora à serviço dos novos Estados Nacionais, e que esmagaria quaisquer iniciativas de emancipação popular por sua transigência com as burguesias nacionais. Por isso, o russo passa a defender as lutas anti-imperialistas com a perspectiva de transformá-las em guerras civis, com o objetivo de alcançar a revolução social.

Após a Guerra de Crimeia (1853-1855), na qual Inglaterra, Reino da Sardenha, Império Turco e França derrotaram a Rússia e suas pretensões nos Balcãs, a Europa presenciou mais três conflitos entre os membros do Congresso de Viena: a guerra que reuniu França e Sardenha-Piemonte contra a Áustria, em meio à formação do Estado italiano (1859); a guerra da Prússia contra a Áustria (1866); e, a guerra contra a França (1870) no contexto de formação do Estado alemão (Moraes, 2019, 126). Parecia nesse breve interregno (marcado por escaramuças, mas estabilizado, ao menos, para os liberais, sob acordos assinados no Congresso de Viena), que as relações entre os países europeus giravam em torno de um eixo mais ou menos estável. Esse suposto equilíbrio, no entanto, foi questionado não apenas com a criação do estado italiano e alemão – que provocaram um rearranjo nas relações entre os Estados europeus –, mas com o avanço do colonialismo europeu (Moraes, 2019, 137-138). Nos últimos 30 anos do século XIX, a busca desenfreada por colônias “reconfigurou as feições do mundo em um ritmo tão assombroso que não se tem muita dúvida de que ela foi um fator decisivo da política (externa e interna)” das potências envolvidas (Moraes, 2019,138). Até a década de 1860, a Inglaterra cogitava abandonar progressivamente suas colônias, e a Bélgica pouca atenção dava a qualquer projeto expansionista. A Alemanha, também num primeiro momento, não via a empreitada colonial como vantajosa do ponto de vista financeiro (Moraes, 2019, 139).

Contudo, esse panorama mudou de 1870 em diante. Não somente as potências imperiais consolidadas, como Grã-Bretanha, França, Holanda, Bélgica e Estados Unidos aprofundam sua dominação colonial, como também Japão, Itália, Portugal, Espanha e Alemanha, potências periféricas, passam a entrar na disputa imperialista. Parte dos impérios periféricos europeus, como o império Austro-Húngaro e o império Otomano são obrigados a se adaptar aos novos tempos do século XIX, diante o enfraquecimento de suas perspectivas (Bertonha, 120-123). É de 1870 em diante que o

⁵ Bakunin participou da insurreição de Dresden, Praga e Paris.

imperialismo passa a ser um fenômeno cada vez mais agressivo, e é nesse contexto que Piotr Kropotkin produziria seus principais artigos. Em comparação à Bakunin, Kropotkin teve uma oportunidade mais clara de visualizar e analisar o fenômeno do imperialismo, tendo em vista que o acirramento das disputas imperialistas se dá em específico, da década de 1870 em diante (Bakunin falece em 1876). Cabe dizer que, de 1877 em diante, Kropotkin passa a ter franca simpatia com “experiências práticas, organizações e luta dos trabalhadores no norte global” (Correa, 2021), e os sindicatos passam a ser daí em diante uma parte fundamental da sua estratégia política de transformação radical da sociedade, pois são “os únicos agrupamentos de trabalhadores capazes de reunir as massas para combater o capitalismo e o Estado” (Correa, 2021). Essa questão é central no presente trabalho, pois a análise econômica da realidade social também demarcará sua análise do imperialismo que, por sua vez, está entrelaçada com o funcionamento dos Estados.

A metodologia adotada no presente artigo foi a seguinte: 1) mapeamos as principais obras de Piotr Kropotkin; 2) dentro destas obras, realizamos um inventário de quais textos abordavam a questão do imperialismo; 3) a partir disso, analisamos texto a texto, tentando entender qual é a análise de Kropotkin sobre o imperialismo. Cabe dizer que as datas dos artigos (mesmo eventualmente traduzidos ao português) se referem à primeira publicação do autor. Chegamos à seguinte tabela de pesquisa (organizada por data de produção).

Texto	Data	Tema	Jornal / Livro / Meio
<i>A Guerra</i>	1885	A relação entre o desenvolvimento industrial e a guerra	<i>Parolés d'un revolté</i>
<i>A Próxima Guerra</i>	1885	As políticas coloniais, o comércio internacional, o domínio russo	<i>The Nineteenth Century</i>
<i>A falência do sistema industrial</i>	1895	O desenvolvimento industrial, a relação com a colonização e a abertura de mercados	<i>La Société Nouvelle</i>
<i>O Estado e seu papel histórico</i>	1896	O papel do Estado dentro do socialismo, o antiestatismo anarquista	<i>Conferência em Colomes Hall</i>
<i>Guerra ou Paz</i>	1896	A relação do capitalismo com a guerra e o colonialismo	<i>Labour Leader</i>
<i>A força do dinheiro</i>	1897	A relação do imperialismo com os interesses financeiros e industriais	<i>Les Temps Nouveaux</i>
<i>A Última Guerra</i>	1897	O fundamento econômico das guerras e disputas imperialistas e o papel dos	<i>Les Temps Nouveaux</i>

		movimentos operários nas revoltas nacionalistas	
<i>Os operários britânicos e a guerra</i>	1900	O papel do movimento operário diante o colonialismo inglês, o fundamento econômico das guerras	<i>Freedom</i>
<i>Uma guerra terminou. Quando começa a próxima?</i>	1902	A guerra sul-africana	<i>Freedom</i>
<i>A guerra russo-japonesa</i>	1904	A relação da guerra com o movimento operário russo e seus efeitos na Europa, a questão econômica	<i>Les Temps Nouveaux</i>
<i>Antimilitarismo e Revolução</i>	1905	O antimilitarismo e a estratégia do movimento operário contra a guerra	<i>Les Temps Nouveaux</i>
<i>A Guerra</i>	1912	A relação das guerras com o sistema capitalista, o desenvolvimento industrial, as finanças e a ação dos Estados	<i>Les Temps Nouveaux</i>
<i>Carta a Steffen sobre a Primeira Guerra Mundial</i>	1914	A posição sobre a 1ª Guerra Mundial	<i>Freedom</i>
<i>Primeira carta a Elías Jiménez</i>	1914	A Primeira Guerra Mundial	
<i>Segunda carta a Elías Jiménez</i>	1914	A Primeira Guerra Mundial	
<i>O antimilitarismo foi bem entendido?</i>	1914	A estratégia anarquista sobre o antimilitarismo	<i>Freedom</i>
<i>A propósito da causa da guerra</i>	1914	As causas da Primeira Guerra Mundial	<i>Le Réveil</i>
<i>O Manifesto dos Dezesseis</i>	1916	Manifesto em apoio crítico aos aliados na 1ª Guerra Mundial	<i>La Bataille</i>
<i>Um artigo de Kropotkin I</i>	1918	Os acordos de paz	<i>La Libre Fédération</i>
<i>Um artigo de Kropotkin I</i>	1918	Os acordos de paz	<i>La Libre Fédération</i>

Fonte: Silva (2024).

O imperialismo como desdobramento do capitalismo industrial

Em mais de dezoito artigos analisados, um elemento teórico evidencia-se na análise de Kropotkin sobre o imperialismo e o colonialismo. Para o anarquista russo, o imperialismo é inegavelmente fruto dos desdobramentos do capitalismo industrial da segunda metade do século XIX. Neste sentido, o imperialismo seria não apenas uma política, mas uma fase do capitalismo, associada a ação dos estados nacionais em seus respectivos contextos.

Segundo Bekken (2018), “Kropotkin dedicou grande parte de seus prolíficos escritos anarquistas a dois temas relacionados”. O primeiro tema era o “funcionamento real das economias capitalistas”, e o segundo, “as linhas gerais de uma sociedade anarquista-comunista” (Bekken, 2018). Nesse sentido, entende-se que o imperialismo – para Kropotkin – era parte do funcionamento do capitalismo em sua fase industrial, principalmente a partir da década de 1870⁶. Sua análise do capitalismo partia evidentemente do campo do socialismo, mas, a partir de uma crítica a determinados pressupostos da teoria do valor-trabalho⁷.

Por volta de 1875, o cenário mundial alterou-se profundamente. Além do grande avanço do capitalismo industrial no globo, ideias ligadas à modernidade (democracia liberal, nacionalismo, liberalismo, socialismo) passavam definitivamente a fazer parte da arena públicas das sociedades. Se em 1850 os europeus controlavam cerca de 30% da superfície do globo, 30 anos depois já controlavam 80% (Moraes, 2019, 22-23).

Apesar do intenso desenvolvimento econômico, a consolidação do capitalismo industrial na Europa também implicou em uma crise que atravessou as décadas de 1870 a 1890 (Bertonha, 2023, 28) e uma das respostas a esse contexto de baixa lucratividade foi a concentração econômica. A outra foi o apoio do Estado – através de diversos mecanismos e estratégias – que, ao assumir a posição de “comprador” em última instância (principalmente no investimento militar), passou também a considerar conquistar novos territórios que trouxessem vantagens às empresas (Bertonha, 2023, 29-30). Além disso, a complexidade do desenvolvimento capitalista trazia a demanda de produtos que a Europa não podia oferecer (Bertonha, 2023, 32) e controlar seus territórios produtores passou a ser uma questão estratégica. A ideia de fazer do território colonial uma “reserva de mercado” também foi fundamental para as empresas da metrópole, principalmente em momentos de crise (Bertonha, 2023, 31).

Nesse momento, vão surgir as primeiras teorias de análise do capitalismo industrial, da concentração econômica e, por conseguinte, do imperialismo. Na historiografia sobre o tema, em geral, considera-se que tais perspectivas se dividiam em análises liberais ou marxistas (Furno, 2023), ocultando ou ignorando que o anarquismo também produzira suas análises sobre esse período.

Um dos maiores nomes do campo do liberalismo foi o economista inglês John Hobson que, em seu estudo de 1902, interpretava que o capitalismo tinha abandonado sua faceta liberal e se convertido num conjunto de grandes empresas e monopólios que levavam os Estados a uma corrida colonial (Furno, 2023, 23). Ainda na tradição liberal, o economista Joseph Schumpeter pressupunha

⁶ Para compreensão desse funcionamento, Kropotkin partirá de um método investigativo que submeteu às teorias econômicas “à mesma investigação rigorosa que aplicaria a qualquer teoria “científica”” (Bekken, 2018).

⁷ Uma dessas críticas foi formalizada no livro “Salariato” (Bekken, 2018).

que o mundo não era tão dominado pelo sistema capitalista, e que o poder das antigas elites agrárias e nobres ainda deveria ser levada em consideração. O autor também alegava que o capitalismo, sendo um sistema que preza a concorrência e o livre mercado, não estaria de acordo com a disputa imperialista, sendo esta um produto das elites agrárias e nobres (informadas por antigos valores) em busca de poder, glória e orgulho nacional, visando conter os ímpetus liberais, democráticos e socialistas de suas respectivas sociedades (Furno, 2023, 24-25).

Na tradição marxista, o imperialismo estava intimamente associado ao sistema capitalista. Embora Marx não tivesse denominado o fenômeno do imperialismo, já nas suas obras iniciais, há elementos que abordam o tema da desigualdade das nações (Furno, 2023, 16) e a tendência do progressiva do capitalismo à concentração e centralização do capital. A expansão do modo de produção capitalista segundo Marx e as inovações técnicas e no campo do transporte criavam melhores condições à exportação de capitais (Furno, 2023, 16). Marx, nesse sentido, nega a possibilidade de o capitalismo se sustentar na livre-concorrência (Furno, 2023, 17) e sustenta que, no mercado mundial, o trabalho mais avançado recebe uma remuneração superior ao mais atrasado, sendo a “mais-valia” distribuída desigualmente entre os capitalistas, pois varia de acordo com o aumento desse capital (Furno, 2023, 19).

O anarquismo seguiria uma perspectiva teórica que, guardadas as devidas proporções, partia de pressupostos similares ao marxismo, entendendo o fenômeno do imperialismo como produto de uma tendência do capitalismo à concentração industrial.

Num texto publicado em 1885, Kropotkin aponta que “as rivalidades dos reis foram substituídas pelas rivalidades entre as sociedades burguesas” (Kropotkin, 1885a, 45) e “na Rússia assim como na Inglaterra, na Alemanha como na França, não se luta mais pelo bel-prazer dos reis; luta-se pela integridade dos rendimentos das riquezas dos Mui poderosos [...]”. Em seu principal livro, “A Conquista do Pão” (1892), afirma que o desenvolvimento da grande indústria leva a conflitos entre as potências. Para ele, “não nos deixemos enganar: o ódio entre as duas burguesias, francesa e italiana, não tem outra origem senão a sua rivalidade industrial” (Kropotkin, 1953, 86). Reforça que a “causa das guerras modernas é sempre rivalidade por mercados e pelo direito à exploração das nações atrasadas em indústrias” (Kropotkin, 1912, 139).

Em outro artigo, Kropotkin afirma que, quando se fala em “preponderância política”, seria preciso traduzir “esta entidade metafísica em fatos materiais” (Kropotkin, 1885a, 45). Descartando, portanto, a visão de uma dominação política abstrata, que parta de um desejo político individual, o imperialismo, para o revolucionário russo, seria eminentemente um fenômeno material e o colonialismo obedeceria a essa necessidade econômica. A “preponderância política da Alemanha, por

exemplo, manifesta-se neste momento, e vereis que se trata simplesmente de *preponderância econômica* nos mercados internacionais” (Kropotkin, 1885a, 45).

Para Kropotkin, “abrir novos mercados, impor seus produtos, bons ou maus – eis o fundamento de toda política atual, europeia e continente – a verdadeira causa das guerras do século XIX” (Kropotkin, 1885a, 46). Reafirmando tal argumento, Kropotkin dirá que as guerras do século XIX “não são mais um capricho pessoal” e “no indeciso conflito entre Inglaterra e Rússia, nenhuma causa está em jogo” (Kropotkin, 1885a, 55). “As guerras não ocorrem por questões pessoais ou ocasionadas por idiosincrasias nacionalistas: elas ocorrem pelos interesses mercantis” (Kropotkin, 1885a, 56). Em outro artigo, afirma que a “guerra sempre veio de cima – daqueles que não vivem do trabalho das próprias mãos” e que a “única diferença de que, agora que os reis perderam a importância, os verdadeiros instigadores da guerra passaram a ser os donos das terras, das fábricas, das minas e das Bolsas de Valores” (Kropotkin, 1896, 94).

Tal afirmação é central para sua reflexão, pois o revolucionário russo considera o imperialismo não como um fenômeno determinado por uma cultura nacional (ainda que mais adiante veremos que isso tem certa importância em seu pensamento), mas, principalmente, por uma determinação material, que é eminentemente econômica, fruto de interesses de classe. Reforçando esse argumento, afirma no seu livro mais emblemático, “A Conquista do Pão”:

A seguinte teoria é bem conhecida: as grandes nações europeias precisam de colônias. Estas colônias enviarão para a metrópole produtos em bruto, fibras de algodão, lã em bruto, especiarias etc. E a metrópole enviar-lhes-á esses produtos manufaturados, tecidos velhos, ferro velho sob a forma de máquinas que caíram em desuso, numa palavra, tudo aquilo de que não precisa, que lhe custa pouco ou nada e que venderá a um preço exorbitante.

Era esta a teoria, foi esta a prática durante muito tempo. Fizeram-se fortunas em Londres e Manchester, enquanto as Índias foram arruinadas. Se formos ao Museu da Índia em Londres, veremos riquezas inauditas e insanas acumuladas em Calcutá e Bombaim por mercadores ingleses. Mas outros comerciantes ingleses e outros capitalistas ingleses conceberam igualmente a ideia muito natural de que seria mais fácil explorar diretamente os habitantes da Índia e fabricar esses tecidos de algodão nas próprias Índias, em vez de os importar anualmente de Inglaterra por quinhentos ou seiscentos milhões de pesetas. (Kropotkin, 1953, 86).

Na concepção de Kropotkin, esses interesses obedeciam neste sentido a dois elementos: primeiro, a necessidade de encontrar clientes para seus produtos; segundo, com uma produção orientada para a exportação (Kropotkin, 1953, 86), tendo em vista que “cada nação europeia tende a produção que a sua população local é incapaz de comprar” (Kropotkin, 1953, 57). Nesse sentido, Kropotkin vê o colonialismo surgir como uma saída para esse processo, como a dominação inglesa do mercado indiano, buscando seu abastecimento.

Para Kropotkin, o próprio funcionamento do capitalismo industrial nesse momento seria responsável por esse mecanismo imperialista, tendo em vista que “não importam quais sejam as classes dominantes na França, na Alemanha e na Rússia, elas tentam obter vantagens para seus clientes, esforçando-se para o fortalecimento de suas manufaturas” (Kropotkin, 1953, 57). Sendo assim, o imperialismo seria um fenômeno “estrutural”, um desdobramento do capitalismo industrial, não uma simples política de governo adotada pelos seus respectivos países.

Dessa forma, a consolidação da industrialização era vista como uma tendência do próprio capitalismo: “o fluxo da produção industrial, partido do noroeste, avança rapidamente rumo a leste e sudeste; já cobrindo uma vasta extensão e acelerando seu movimento à medida que penetra em países mais jovens” (Kropotkin, 1895, 73). Tal tendência, para Kropotkin, não poderia ser impedida por políticas protecionistas, apenas adiada.

Ao contrário da tese que identifica um suposto culturalismo ou educacionismo nas análises de Kropotkin⁸, perceberemos, ao longo deste artigo, que a análise kropotkiniana sobre o imperialismo não superestima nem reduz o imperialismo a simples fatores culturais. Sua explicação é principalmente econômica e material, e está conectada ao desenvolvimento do capitalismo industrial e financeiro global a partir da ação dos Estados europeus. Pois “todos os Estados, tão logo a indústria desenvolveu-se na nação, são levados a buscar a guerra [...] para conquistar novos mercados – novas fontes de fácil enriquecimento.” (Kropotkin, 1912, 143). Para o autor, “onde os ingênuos creem descobrir profundas causas políticas, ou então, ódios nacionais, só há complôs tramados pelos filibusteiros da finança” (Kropotkin, 1912, 145).

A análise kropotkiniana do imperialismo e do colonialismo (1870-1914)

E quando nos falamos de “sentimento nacional”, de “patriotismo”, de “glória nacional”, – saibamos, de uma vez por todas, que todas essas palavras, todos esses apelos ao sentimento são pagos, em moeda sonante, tanto por linha escrita, em tal agência bancária, por tal sindicato de banqueiros. (Piotr Kropotkin).

Em 1871, a Comuna de Paris – a primeira experiência socialista da história contemporânea – , marca com ferro e fogo a trajetória do recém-criado movimento socialista e operário internacional. A breve existência da Comuna e em grande medida do socialismo, estava, portanto, intimamente ligada aos conflitos imperialistas na Europa e fora dela.

⁸ Sobre isto, verificar a crítica a um suposto culturalismo de Kropotkin. Cf. Correa, 2021.

A Comuna formara-se no desfecho da guerra Franco-Prussiana. As disputas relativas ao equilíbrio de poder entre França e Prússia – assim como o processo de unificação alemã, com as guerras dos Ducados de Elba (1864) contra a Dinamarca, e a Guerra Austro-Prussiana (1866) – expressam a emergência de Estados recém-unificados que se opunham ao equilíbrio de poder anterior. Na guerra austro-prussiana, por exemplo, a região do Vêneto foi anexada ao Reino da Itália, que se aliara à Prússia contra o Império Austríaco. As guerras que ocorriam na Europa neste período, por um lado, aguçavam os movimentos nacionalistas (dos países dominantes e dominados); por outro, aceleravam contradições sociais que punham em relevo à chamada questão social.

No caso da França, tal questão social ligava-se ao rápido desenvolvimento do capitalismo francês e as subsequentes tentativas de restauração conservadora, que ficaram marcadas pelo golpe de Napoleão III, em 1851, que derrubou a segunda república. A Comuna foi, portanto, uma reação à capitulação francesa perante a Prússia, em 28 de janeiro de 1871, e, um movimento que se recusava a aceitar a restauração conservadora e a rendição francesa, tratando a questão social como decisiva. Recusando-se a depor as armas, a população de Paris estabeleceu uma breve forma de autogoverno revolucionário.

O Tratado de Frankfurt não apenas estabeleceu os critérios da rendição francesa, mas também reintegrou cem mil prisioneiros de guerra franceses às linhas prussianas, que sob a liderança de Louis Adolphe Thiers, esmagaram de maneira sangrenta, os *communards* parisienses⁹. A derrota da Comuna passa a ser um importante elemento para o pensamento político anarquista do período. Primeiro, por demonstrar que qualquer ação revolucionária do movimento socialista não poderia permanecer restrita a um único país; segundo, por compreender que as rivalidades entre os Estados europeus sempre ficariam em segundo plano diante da ameaça de um crescente movimento operário organizado. Dessa maneira, a reflexão sobre o imperialismo e do anti-imperialismo influenciavam-se por tal perspectiva, ao considerar que qualquer oposição ao imperialismo deveria ser antes de tudo, uma oposição classista.

A reação conservadora – iniciada em Paris – varreu a Europa numa caça às bruxas ao movimento operário e socialista que demonstrava com grandes efeitos práticos que a luta socialista em cada país estava intimamente ligada às questões transnacionais dos poderosos Estados europeus, e da sua ação imperialista e inter-imperialista. A repressão brutal ao movimento operário também foi acompanhada de um crescimento dos movimentos nacionalistas e independentistas que se articulavam na esteira das ações imperialistas das grandes potências europeias. Há um ressurgimento

⁹ Para Kropotkin, apesar do desfecho sangrento da Comuna, sob “o nome de ‘Comuna de Paris’ nasceu uma nova ideia, para se tornar o ponto de partida para futuras revoluções.” (Kropotkin, 1880, tradução nossa).

dos movimentos nacionais das nações outrora subordinadas que serão atentamente observados pelo movimento operário e pelo anarquismo.

Kropotkin entendia o acontecimento da Comuna não como um processo isolado, mas sim como parte de um processo que passava pelo “atual desenvolvimento da indústria” e que “forçará à eclosão de uma grande revolução econômica” (Kropotkin, 1871). Para ele, entretanto, a Comuna fora “fruto de um período de transição” (Kropotkin, 1871), a qual a “mira das armas prussianas” a fizera desaparecer. A compreensão do acontecimento da Comuna, portanto, parte da ideia de que o desenvolvimento do capitalismo produz eventos no nível econômico que teriam implicações na luta social. Não há nenhuma perspectiva subjetivista em Kropotkin ou idealista de uma revolta espontânea que surge fortuitamente na realidade histórica.

É nesse contexto da derrota da Comuna de Paris que as discussões no interior do socialismo vão sendo atreladas ao debate das questões nacionais, e passam a atrair a atenção de inúmeros socialistas. Sobre isso, Kropotkin afirma que “as questões nacionais são tão reais na Europa como sempre, e seria tão imprudente fechar-lhes os olhos como negar a sua importância” (Kropotkin, 1885b). Numa longa e detalhada análise sobre o movimento nacionalista finlandês, Kropotkin toma a causa finlandesa com simpatia, vinculando a necessidade de independência da Rússia, com um programa que garanta a “independência econômica das classes trabalhadoras e produtoras de riqueza” (Kropotkin, 1885b). Para este, a independência e autonomia de uma nacionalidade subordinada estava vinculada a certa emancipação econômica e vice-versa.

É claro que agora sabemos que os problemas nacionais não são idênticos aos "problemas do povo"; que a aquisição da independência política ainda não alcançou a independência econômica das classes trabalhadoras e produtoras de riqueza. Podemos até dizer que um movimento nacional que não inclua em sua plataforma a demanda por uma mudança econômica vantajosa para as massas não tem chance de sucesso, a menos que seja apoiado por ajuda externa. Mas esses dois problemas estão tão intimamente ligados um ao outro que somos obrigados a reconhecer que nenhum progresso econômico sério pode ser conquistado, nem qualquer desenvolvimento progressivo é possível, até que as aspirações despertadas por autonomia tenham sido satisfeitas. (Kropotkin, 1885b, tradução nossa).

Kropotkin parece identificar nesses movimentos nacionalistas – apesar de seus limites – uma face progressista e outra conservadora, ao diferenciar o movimento finlandês do movimento nacionalista polonês.

De tudo o que precede é fácil ver que a Europa só tem a ganhar com a admissão da Finlândia na sua família. Mas, para este fim, a liberdade e a independência são antes de tudo necessárias - não a liberdade efêmera que é concedida ao povo pelo domínio das classes mais ricas, qualquer que seja a sua nacionalidade, mas a liberdade que resultaria do fato de o povo ser seu próprio governante. A Finlândia está no caminho certo para conseguir isso. O seu movimento nacional não pede um regresso ao passado, como tem sido o caso da Polónia; aspira a uma Finlândia completamente nova e autônoma. (Kropotkin, 1885b, tradução nossa).

O interesse de Kropotkin por essas temáticas, longe de ser periférico em sua obra, vincula-se a sua trajetória como geógrafo¹⁰, mas também enquanto anarquista e teórico do movimento operário. Assim, observava atentamente às mudanças profundas no mapa europeu e no desenvolvimento industrial do capitalismo da segunda metade do século XIX.

De 1884 a 1885, o imperialismo europeu passa a regular mais profundamente a exploração e dominação colonial do continente africano. Tal temática passa a aparecer com mais ênfase na imprensa europeia. Diversos países reuniram-se na Alemanha para regular seus interesses na chamada “Conferência de Berlim”. Uma das decisões adotadas na conferência seguia o “princípio da notificação”, “onde as nações deveriam comunicar entre si o seu interesse sobre determinada região e demonstrar sua atuação nele” (Lamy, s/d, 15). Ao contrário do que se costumeiramente imagina, até 1880, apenas as regiões da costa do continente africano haviam sido ocupadas pelas potências europeias e, de 1880 em diante, há um aprofundamento da ação imperialista nesse continente.

A conferência girou entre três eixos de debate: 1) liberdade de comércio na bacia e foz do rio Zaire, no Congo; 2) Transposição da liberdade de navegação dos rios internacionais, consagrado no congresso de Viena, para os rios africanos; e, 3) definição clara das regras que legitimassem a ocupação dos territórios africanos em disputa (Silva, 2014, 25). Apesar da evidente hegemonia e manutenção dos interesses do imperialismo europeu, foram celebrados inúmeros tratados com os Estados africanos e os países europeus (Silva, 2014, 27), a partir dos quais os primeiros foram subordinados à condição de protetorados. Como bem apontado pelo pesquisador Fábio Bertonha, o imperialismo combinava a repressão direta com a cooptação das elites locais (Bertonha, 2023, 51). A complexidade do imperialismo variava entre a ação imperialista direta (que atuava com o binômio repressão e cooptação com as colônias de povoamento) e, indireta, onde a força da cultura, do comércio e da emigração daria hegemonia às potências capitalistas (Bertonha, 2023, 61).

Como apontam diferentes estudos africanistas e contrariando o senso comum, a partilha do continente africano não foi realizada exatamente em 1885, durante a conferência, mas foi uma empreitada que se prolongou para além dos anos finais do século XIX (Silva, 2014, 34). A conferência forneceu a legitimidade política e jurídica para a exploração colonial do continente africano, e a presença militar-territorial justificaria a legitimidade entre os países a respeito da

¹⁰ Isso fica claro num texto de 1885, intitulado, “O que a geografia deveria ser” onde Kropotkin afirma: “Além disso, a geografia deve prestar outro serviço muito mais importante. Deve ensinar-nos, desde a mais tenra infância, que somos todos irmãos, qualquer que seja a nossa nacionalidade. Na nossa época de guerras, de presunção nacional, de ciúmes e ódios nacionais habilmente alimentados por pessoas que perseguem os seus próprios interesses egoístas, pessoais ou de classe, a geografia deve ser - na medida em que a escola possa fazer qualquer coisa para contrabalançar as influências hostis. - um meio de dissipar esses preconceitos e de criar outros sentimentos mais dignos da humanidade.” (Kropotkin, 1885, tradução nossa).

ocupação colonial de um ou outro país. É nesse sentido que está aberto o caminho (Silva, 2014, 64) para a redefinição das fronteiras africanas, realizado em grande medida não apenas com acordos entre as potências imperialistas, mas sobretudo com disputas intestinas¹¹. A região da República de Transvaal era uma república autônoma fundada pelos bôeres¹² que passa a ser alvo do interesse britânico desde as primeiras notícias de descoberta de minas de ouro na região, o que ocasionou confrontos armados em 1880 e 1881 (Guerra dos Boêres). Em 1887, foi descoberto o maior campo de ouro do mundo na região de Witwatersrand¹³, a 50 quilômetros de Pretória¹⁴, o que motivará o administrador colonial britânico Leander Jameson a invadir a região sem sucesso. Para Kropotkin, a “invasão de Jameson na República de Pretória (...) foi preparada pela alta finança inglesa, que havia colocado seu dinheiro na Chartered Company sul-africana” (Kropotkin, 1897, 103).

Prossegue afirmando que “simplesmente para conquistar um imenso território aurífero, para a companhia que o duque de Fife, parente da rainha, e outros grandes influentes na finança em seu seio, contam com essa invasão” (Kropotkin, 1897, 103). Os jornais da época também estariam ligados ao imperialismo. Sobre isso, afirmará que “a imprensa está vendida à alta finança (Kropotkin, 1897, 104)” e “eles contam hoje às dúzias com os jornais de todas as *nuances* comprados ou fundados pelo deus dessa companhia – o famoso Cecil Rhodes” (Kropotkin, 1897, 103). Prosseguirá afirmando que:

Pode ser do interesse dos capitalistas franceses conquistar as províncias do Reno, e dos capitalistas alemães anexar a Borgonha ou as províncias do Báltico. Pode ser adequado aos fabricantes russos e britânicos dividir a Arménia ou lutar sobre os cadáveres dos arménios; e pode ser muito lucrativo para a bancocracia internacional arruinar as nações através de preparativos para a guerra e mergulhá-las em guerras sem fim.

Mas os trabalhadores não têm nada a ganhar nas guerras, e não têm nada a esperar das guerras, a não ser que seja concedida uma nova concessão às classes superiores para viverem dos frutos do trabalho do proletário, e que a solidariedade internacional que agora começa a ser estabelecida entre os trabalhadores de todas as nações, será novamente destruída, como foi destruída durante muitos anos pela guerra de 1870. (Kropotkin, 1897).

Durante esse período, além das disputas no continente africano pelas potências europeias, os Estados Unidos da América emergiam como uma potência capitalista. Após a Guerra de Secessão (1861-1865), acelera-se um processo de industrialização que, aliado às diretrizes da Doutrina Monroe,

¹¹ Analisando a corrida imperialista, Kropotkin afirmará que “a corrida às colônias tornou-se o jogo das nações em nossa época. Cada país quer ter a sua” (Kropotkin, 1895, 90). E ressaltando a motivação econômica para os conflitos, Kropotkin afirmará que é “o dinheiro, o dinheiro, o dinheiro que faz a política, as guerras, as concessões e as aquisições de territórios” (Kropotkin, 1897, 100).

¹² Colonos de origem holandesa e francesa.

¹³ Atualmente, uma cidade da África do Sul.

¹⁴ Uma das três capitais oficiais da atual África do Sul.

afirmava uma vontade de supremacia dos EUA no continente.¹⁵ A Doutrina Monroe colocava claramente a repulsa a qualquer tentativa de recolonização da América pelos países europeus, e manifestava os desejos imperialistas dos EUA. Alguns autores (Salazar, 2008) apontam que, desde a Revolução Haitiana (1804), a política norte-americana com seus vizinhos latino-americanos já era marcada pelos anseios expansionistas e colonialistas, em específico, com a guerra Mexicano-Americana (1846-1848), na qual os Estados Unidos ampliaram seu território em 25%, bem como nos desejos de dominação da ilha de Cuba. Mas, é com a guerra contra a Espanha que os EUA passam a se colocar como um ator relevante nas disputas imperialistas.

Aproveitando a 1ª Guerra de Independência de Cuba (1895-1898), que opunha o povo cubano ao colonialismo espanhol, os EUA, tentando preservar seus interesses econômicos, envolvem-se diretamente no conflito. Cuba foi um dos primeiros países onde o anarquismo desenvolvera-se nas Américas e, em 1887, realizava-se o Primeiro Congresso Operário em Cuba (Fernández, 2022, 36). A questão independentista circulou avidamente nos círculos operários e anarquistas cubanos, bem como no Congresso Regional Cubano, ocorrido em 1892. No total, 74 delegados de diferentes associações operárias delinearam posições políticas sobre diferentes temas sindicais, e, sobre a independência cubana, afirmavam que “a classe operária não devia opor-se ao propósito independentista de muitos cubanos” (Fernández, 2022, 45). A relação entre independentistas e anarquistas foi frutífera e a “maioria dos ácratas na emigração, influenciados pela oratória persuasiva de Martí, começa a apoiar a causa da independência” (Fernández, 2022, 47). Quando a guerra de independência estoura, diversos anarquistas “mais comprometidos se transformam em combatentes pela liberdade [de Cuba]” (Fernández, 2022, 52).

Apesar de o apoio não ter sido universal, a contribuição do movimento operário e do anarquismo à causa separatista foi enorme (Fernández, 2022, 53), fornecendo “soldados, recursos, propaganda, subversão e mártires” (Casanovas, 1994, 424, tradução nossa). O pesquisador Frank Fernández apresenta um aspecto pouco conhecido da guerra de independência cubana, apontando que o anarquismo internacionalmente parecia dividido, como representado por suas principais figuras públicas.

Segundo o relato de Paul Estrade, em janeiro de 96 constituiu-se em Paris o Comitê Francês de Cuba Livre, sob a direção de Betances e o trabalho de Charles Malato. É necessário destacar que este Comitê foi composto principalmente por anarquistas franceses, tais como Achille Steens, Élisée e Élie Reclus, Louise Michel, Léopold Lacour, Jean Grave, Sébastien Faure, Paul Adam e o próprio Malato, grupo que trabalhou a favor da independência de Cuba. Como contraste, em Londres Piotr Kropotkin mantinha uma atitude de neutralidade, e nos EUA Emma Goldman fazia o mesmo. (Fernández, 2002, 55).

¹⁵ Cf. (Mendes, 2005, 168-169). Há discordâncias na bibliografia sobre o imperialismo norte-americano, sobre o momento em que este imperialismo se manifesta mais claramente, se durante o Destino Manifesto, nas décadas de 1840 e 1850 ou após a Doutrina Monroe, na década seguinte. (Mendes, 2005, 184).

Segundo Fernández, Kropotkin manteve uma atitude de neutralidade diante a guerra de independência cubana, não se manifestando claramente em favor dos independentes. Porém, consultando seus artigos do período, encontramos uma posição que, se não é tão explícita, parece apoiar a tese de que Kropotkin não apenas seria simpático aos revoltosos cubanos, mas também que depreenderia das revoltas independentistas uma linha política clara ao anarquismo do período. Em dois artigos (praticamente subsequentes) publicados em *Les Temps Nouveaux*, em junho de 1897, Kropotkin fala rapidamente sobre a questão cubana e se posiciona em relação às revoltas independentistas. Sobre Cuba, diz no nº 5 (29 de maio a 4 de junho de 1897) que:

A insurreição de Cuba é outro exemplo. A Espanha não pode conservar essa ilha. (...) Lendo os jornais, crer-se ia que essa é uma questão nacional para os espanhóis, questão de prestígio real para os monarquistas...

Mentira tudo isso! O fundo da questão é que, como o diz um jornal financista, “as grandes casas bancárias estão de tal forma carregadas de fundos da dívida espanhola, que a perda de Cuba e suas possíveis consequências, ou mesmo a intervenção dos Estados Unidos, faria um *crash* inaudito nas Bolsas, como não se o viu desde 1866”.

E o sangue continuará fluir em Cuba, e a ilha será totalmente arruinada para evitar esse *crash*. (Kropotkin, 1897a, 103-104).

Nos números seguintes, diz que “visto que há, assim, uma questão *econômica* de fundo, essas insurreições já deveriam encontrar simpatia junto a cada socialista sinceramente anarquista, unionista ou social-democrata” (Kropotkin, 1897b, 108) e que “há setenta anos a revolta está ali em permanência – como em Cuba contra a Espanha, como na Polônia contra a Rússia, como na Irlanda contra a Inglaterra” (Kropotkin, 1897b, 109).

Cabe ressaltar que, no final do século XIX, há uma fusão do capital industrial com o bancário, o que gera um fenômeno exaustivamente estudado pelos autores socialistas, o chamado capitalismo financeiro. Parece que Kropotkin esteve atento a este movimento, compreendendo que as finanças se imiscuíam como fatores determinantes nos processos do capitalismo industrial e do imperialismo. Fato que pode ser comprovado pela recorrência com a qual utiliza tal termo em seus artigos da época.

Os nacionalismos regionais eram inflamados não apenas no sentido da libertação nacional dos povos, mas também incentivados por potências imperialistas que objetivavam dividir e enfraquecer os impérios mais fracos. Em 1897 estourou uma guerra entre o reino da Grécia e o Império Otomano, conflito que ficou conhecido como “guerra dos trinta dias”, por conta do desejo da província otomana de Creta em juntar-se à Grécia (independente em 1832 contra o Império Otomano).

Para Kropotkin, “Não foi o sultão, nem o ‘partido militar’, que prepararam essa guerra. Ela foi decidida e paga, dinheiro vivo, nos salões de certo número de grandes financistas de Londres e Paris”

(Kropotkin, 1897a, 101). E, a “guerra greco-turca – pela reconquista da Tessália – foi preparada e realizada não pelo fanatismo muçulmano, mas pelos luíses sonantes de um grupo de banqueiros”.

Longe da vaga e dilatada definição de colonialismo como uma dominação epistemológica, cultural ou no campo do pensamento, Kropotkin afirma que o imperialismo do final do século XIX, apesar de também se expressar na esfera cultural, é evidentemente um fenômeno econômico. Tal reflexão do libertário russo não implica em nenhum tipo de determinismo econômico. Primeiro, no pensamento de Kropotkin não há nenhuma celebração do “desenvolvimento do capitalismo” e de sua “capacidade produtiva da sociedade”. Para este, o capitalismo “resultou em subprodução e privação crônicas” (Bekken, 2018). Segundo, em Kropotkin, a força material da economia não implica num determinismo da economia sobre a sociedade, mas numa relação de interdependência.

Quando analisamos de perto esses fatos das atividades dos Estados modernos, compreendemos até que ponto toda a vida de nossas sociedades civilizadas depende – não dos *fatos* do desenvolvimento econômico das nações, mas do *modo como diversos meios de privilegiados, mais ou menos favorecidos pelos Estados, reagem sobre esses fatos*. (Kropotkin, 1912, 156).

Tampouco Kropotkin encara o imperialismo como um fenômeno cujo funcionamento seja inevitável, no qual os povos deveriam passivamente aceitar seus desdobramentos.

Para Kropotkin, revoltas populares e nacionalistas em oposição ao imperialismo seriam reações legítimas a esses fenômenos provocados pelas forças materiais do capitalismo industrial e do imperialismo, ainda que não se expressassem como movimentos socialistas.

Criticando aqueles que veem essas insurreições como revoltas artificiais, que seriam financiadas por potências externas¹⁶, Kropotkin afirma que essas insurreições “emanaram da própria força das coisas – dos ódios acumulados de longa data” (Kropotkin, 1912, 110).

Sobre a posição que os socialistas deveriam adotar diante às insurreições nacionais, afirmará que:

É moda entre socialistas dizer que todos esses movimentos não nos concernem, que o trabalhador está ele próprio sob jugo, e que não tem de ocupar-se com os outros. Inicialmente, o jugo do trabalhador não é comparável àquele das nacionalidades oprimidas. Se, além do jugo econômico que essas nacionalidades sofrem, – sempre ainda mais brutal – o trabalhador europeu tivesse de sofrer o jugo que sofreu o armênio, o cretense, o polonês e também o irlandês, há muito tempo que ele ter-se-ia revoltado bem mais do que se revolta hoje. (Kropotkin, 1897b, 110).

Terceiro, para Kropotkin, o imperialismo vinha acompanhado de uma ofensiva no campo cultural, que difunde “preconceitos que nos foram inculcados em relação às chamadas ‘raças

¹⁶ O conceito contemporâneo de Guerra Híbrida por exemplo, atua dentro desta concepção, onde quaisquer insurreições são vistas como produto de agentes externos.

inferiores” (Kropotkin, 1885b) e a geografia, como ciência, deveria confrontar essa ofensiva. Tal ofensiva imperialista no campo cultural vinha acompanhada de uma ideologia civilizatória, proclamada por políticos de potências imperialistas a partir da qual “a missão dos europeus” seria a de “civilizar essas raças” (Kropotkin, 1885b). Para Kropotkin, essa teoria “não fazia mais do que elevar à categoria de teoria esses mesmos fatos que os europeus estão praticando diariamente” (Kropotkin, 1885b). A educação teria um papel central nessa ideologia civilizatória, pois “desde a mais tenra infância inculca-se o desprezo pelos ‘selvagens’, se ensina a considerar como se fosses verdadeiros crimes determinados hábitos e costumes dos pagãos” e “a tratar as ‘raças inferiores’, como são chamadas, como se fossem um verdadeiro câncer que somente deve ser tolerado enquanto o dinheiro ainda não penetrou”.

Para ele, desse modo “como se pode dizer aos trabalhadores que, porquanto eles próprios são oprimidos, eles não têm por que se interessar pelos outros, oprimidos como eles (...)” (Kropotkin, 1897, 111).

Ao contrário, a causa de *todos* os oprimidos é cara ao trabalhador socialista.

Duplamente cara a causa dos oprimidos que se revoltam contra seus senhores, – com ou sem o elemento de nacionalidade a mais.

Onde quer que a revolta ecloda, onde quer que os homens armem-se contra seus exploradores – os outros oprimidos devem estar com eles. Ampliar o sentido de sua revolta, erguer entre eles uma bandeira que represente um ideal superior – sem dúvida, sempre! Mas nunca permanecer calmo ao lado. Ainda menos conspirar a revolta, porque ela não alcançou a altura do ideal que se crê possuir!. (Kropotkin, 1897, 111).

Para Kropotkin, as revoltas anti-coloniais “e todas as sublevações populares que ainda veremos (...) desempenham no passado um papel tão poderoso para despertar o espírito de revolta e também engendrar o movimento socialista atual” (Kropotkin, 1897).

A ciência teria um papel importante nesse processo, para “ensinar-lhes que todos os homens são irmãos, quaisquer que sejam as suas nacionalidades” (Kropotkin, 1885c).

O anti-imperialismo, para o geógrafo anarquista, estaria intimamente ligado ao mesmo espírito de revolta que abasteceria a luta socialista. Para Kropotkin, todo ato protagonizado coletivamente ou individualmente que contribuísse para fazer avançar a revolução eram estimados positivamente (Correa, 2021), mas o anarquismo só teria um papel relevante se estivesse inserido no universo dos trabalhadores (Correa, 2021).

Essa posição implicaria numa ética em relação ao conhecimento teórico e a análise da realidade. Num texto clássico, publicado em 1885, no auge do imperialismo europeu e da época dos colonialismos, Kropotkin debateria o papel da geografia nesse período. Para ele:

A Geografia deve cumprir, também, um serviço muito mais importante. Ela deve nos ensinar, desde nossa mais tenra infância, que todos somos irmãos, independentemente da nossa nacionalidade. Nestes tempos de guerras, de ufanismos nacionais, de ódios e rivalidades entre nações, que são habilmente alimentados por pessoas que perseguem seus próprios e egoísticos interesses, pessoais ou de classe, a geografia deve ser – na medida em que a escola deve fazer alguma coisa para contrabalançar as influências hostis – um meio para anular esses ódios ou estereótipos e construir outros sentimentos mais dignos e humanos. (Kropotkin, 1885c).

Sem negar as particularidades culturais e nacionais, prosseguirá afirmando que a geografia:

Deve mostrar que cada nacionalidade contribui com sua própria e indispensável pedra para o desenvolvimento geral da humanidade, e que somente pequenas frações de cada nação estão interessadas em manter os ódios e rivalidades nacionais. Deve reconhecer que, além de outras causas que nutrem as rivalidades nacionais, as diferentes nações não se conhecem suficientemente bem entre si; as espantadas perguntas sobre seu país, que se fazem a um estrangeiro; os absurdos preconceitos mútuos, que se estendem aos extremos de um continente – e até a ambos os lados de um canal – são prova suficiente de que, mesmo entre aqueles que se costuma denominar gente culta, a geografia é apenas conhecida pelo nome (Kropotkin, 1885c).

Para o russo, as características nacionais ocultariam a unidade objetiva entre as classes trabalhadoras, sendo o papel da geografia, elucidar tal dimensão.

As pequenas diferenças de características nacionais, que aparecem especialmente entre as classes médias, tendem a ocultar a imensa semelhança que existe entre as classes trabalhadoras de todas as nacionalidades, semelhança que se converte no fato mais significativo à medida que se obtém um maior conhecimento. É tarefa da Geografia esclarecer essa realidade, e com grande ênfase devido ao contexto de mentiras acumuladas pela ignorância, presunção e egoísmo. Deve reforçar nas mentes das crianças que todas as nacionalidades são valiosas umas para as outras; que quaisquer que sejam as guerras que tenham ocorrido, subjaz sempre no fundo destas o mais míope dos egoísmos (Kropotkin, 1885c).

Apesar dessas diferenças nacionais, para Kropotkin, a divisão global das classes sociais – produzida objetivamente pelo capitalismo – implicaria na necessidade estratégica do combate ser feito na esfera econômica, tendo em vista que é essa esfera geral, que organizaria e aguçaria os conflitos particulares. A visão analítica de Kropotkin, visa, portanto, compreender tal totalidade em que os fenômenos particulares do nacionalismo e das guerras se expressam.

O conflito econômico social unificaria os trabalhadores em interesses de classe, não por um desejo particular de um ou outro grupo, mas pela própria dinâmica do capitalismo, com seu dimensionamento global. Para Kropotkin, “ao passo que o critério econômico une os trabalhadores, em torno de condições e interesses comuns de classe, para a luta unificada contra a exploração, os critérios políticos e/ou ideológicos [...] os distancia, os separa uns dos outros” (Corrêa, 2021). Os

sindicatos deveriam então manter uma independência de classe frente aos partidos políticos (Corrêa, 2021), o que implicaria, no caso de uma estratégia anti-imperialista, uma posição classista, a partir da qual trabalhadores não se dividiriam por nacionalidades ou características nacionais, pois compartilhariam os mesmos interesses de classe, que são objetivamente produzidos pela estrutura capitalista.

Por isso, o anarquismo deveria apoiar tais revoltas nacionais, mesmo que essas não expressassem perspectivas imediatamente socialistas e tampouco apontassem para uma transformação global da sociedade, pois estas em si já possuíam um elemento econômico. “Inicialmente, em todas essas insurreições de nacionalidades que faziam parte do império otomano, há *um lado econômico*”, diria, num artigo publicado em 1897 (Kropotkin, 1897, 108). Kropotkin defende que “a revolta de Creta não é a última na série das revoltas nacionais”. Defendendo a ideia de que o anarquismo deveria apoiar essas insurreições nacionais e aprofundar seu conteúdo radical, Kropotkin afirma: “Ainda veremos outras – e esperamos que os socialistas de todas as *nuances* não os deixarão passar na indiferença; que eles verão sublevações populares, às quais nós – sobretudo os anarquistas – podemos trazer nosso elã revolucionário e das quais podemos ampliar o alcance” (Kropotkin, 1897, 113).

Ainda sob a mesma lógica, Kropotkin analisa o caso inglês à época do cartismo. Neste ponto, Kropotkin apresenta uma reflexão relevante, que é a relação da classe trabalhadora dos países imperialistas com os benefícios auferidos pela política econômica colonialista. Neste ponto, afirma que “os operários deste país foram induzidos a acreditar que quanto mais os seus patrões saquearem terras distantes, tanto mais ricos eles próprios ficarão” (Kropotkin, 1900, 120).

Com o pretexto de encontrar novos “mercados” e “manter as portas abertas”, os operários britânicos apoiaram seus patrões na política de sugar o sangue de camponeses turcos e indianos dos *felaheen* [camponeses ou trabalhadores rurais] do Egito e dos “negros escravizados”. Para Kropotkin, tal posição política leva os operários de um país imperialista à submissão da política imperialista.

E, assim, sendo, os operários britânicos tornam-se cada vez mais os servos e os fornecedores de prazer de agiotas ricos e de “administradores” da Índia que levaram este país à beira da fome, de banqueiros que comerciam com dinheiro na Ásia e em outras regiões, dos Armstrongs e dos Whitworths. [...] Patrões enriquecidos saqueando o mundo inteiro e servos bem pagos destes mesmos patrões: é isto o que a nação britânica está se tornando a passos de gigante. A guerra de hoje é apenas o meio para dar mais um grande passo nessa direção. (Kropotkin, 1900, 120-121).

As guerras imperialistas também levariam – segundo Kropotkin – a outro efeito deletério ao movimento operário e ao socialismo dentro dos países imperialistas, que seria frear os movimentos de revolta e organização dos trabalhadores. Mais um argumento para que os anarquistas não

ignorassem tais eventos políticos, pois sua influência também afetaria seu programa político. É, portanto, assim que analisa a guerra Russo-Japonesa (1905), não por uma perspectiva simplista das nacionalidades e da razão de Estado, mas a partir do interesse de classes dos trabalhadores.

Prevejo com tristeza, com efeito, que a agitação revolucionária, que adquiria tão grande desenvolvimento no seio do povo russo – camponeses e operários industriais – será forçosamente freada, interrompida talvez por muito tempo pela guerra. Em vez de grandes questões – fundiária, industrial, descentralização etc. etc. – que tornavam a situação geral na Rússia tão semelhante àquela da França na véspera de 1789 e prometiam que o desmoronamento do absolutismo – já muito avançado – ocorreria ao mesmo tempo que uma profunda mudança, revolucionária, nas condições econômicas – em vez disso, a agitação vai reduzir-se agora a questões mínimas. (Kropotkin, 1904, 130).

Ao se opor à guerra, Kropotkin não agitava um princípio humanista abstrato – ainda que o humanismo fosse parte de seu pensamento socialista – mas considerava tal fenômeno a partir duma análise dos efeitos desse evento no interior das lutas das classes trabalhadoras e no contexto geral da conjuntura global. Para o anarquista russo, a França “marchava à frente das outras nações [...] não como cultura intelectual, artística ou industrial [...]” mas “marcha à frente das outras nações na vida da revolução social” (Kropotkin, 1905, 136-137). Portanto,

Nessas condições, um novo esmagamento da França da França seria uma desgraça para a civilização. O triunfo do Estado militar centralizado alemão em 1871, valeu à Europa trinta anos de reação, e à França ele deu o culto do militar, o boulangismo, o caso Dreyfus e a paralisação, direi mais, o esquecimento por trinta anos de todo o desenvolvimento socialista que se fazia ao final do Império. (Kropotkin, 1905, 137).

Sobre este último tema fará um certo prognóstico.

Prevejo, além disso, com profunda ansiedade, que o conflito engajado no Extremo Oriente é só o prelúdio de um conflito infinitamente mais sério, preparado de longa data, e cujo desfecho ocorrerá nas cercanias de Dardanelos,¹⁷ e talvez, inclusive, no Mar Negro, – preparando assim, novos períodos de guerra e de militarismo para toda a Europa...

Em resumo, vejo na guerra que acaba de eclodir uma calamidade, um perigo para o conjunto do movimento progressista na Europa. Triunfo dos mais perversos instintos do capitalismo moderno, como ela poderia contribuir ao triunfo do progresso?. (Kropotkin, 1904, 132).

¹⁷ Dardanelos é um estreito no noroeste da Turquia, que separa a Europa da Ásia.

A 1ª Guerra Mundial e o manifesto dos dezesseis

A partir do que foi colocado anteriormente, entraremos num dos momentos mais polêmicos da biografia de Piotr Kropotkin: sua posição diante a 1ª Guerra Mundial. Durante o desenrolar da guerra, Kropotkin assinaria um manifesto, que ficou conhecido como “manifesto dos dezesseis”¹⁸, com um grupo de anarquistas que se posicionariam diante do conflito bélico. Em suma, o manifesto “causou um verdadeiro trauma no movimento libertário” (Berthier, 2021, 13), tendo em vista que Kropotkin se posicionou favorável aos aliados no conflito militar.

René Berthier, que analisou longamente a polêmica, apresenta elementos interessantes na compreensão deste evento, que ajudam a elucidar, inclusive, a perspectiva teórica de Kropotkin sobre a questão do imperialismo. Para Berthier (2021,15), a posição de Kropotkin observava que havia um “conflito irreduzível entre duas visões do socialismo: a francesa e a alemã” (Berthier, 2021). Fazendo eco com longos debates que remontam à Bakunin¹⁹, Kropotkin ressaltaria principalmente as consequências de uma eventual vitória alemã (Berthier, 2021, 17). Se em 1912, no texto “A Guerra”, Kropotkin coloca a Alemanha como um personagem secundário das relações (Berthier, 2021, 32) internacionais, em 1916, Kropotkin enxerga claramente que esse papel mudou (Berthier, 2021).

O documento dos dezesseis (na realidade quinze) fora assinado em 1916, momento que segundo Berthier, marcava um ponto de viragem na própria Alemanha, com o aparelho militar “em vias de tornar-se autônomo do poder civil” (Berthier, 2021, 20), o que redundaria numa quase ditadura, cujas consequências seriam exportadas para todos os territórios conquistados. Para Berthier, Kropotkin, assim como Bakunin no século anterior, “pensou que uma vitória alemã seria uma terrível regressão para a Europa, e apelou para uma revolta popular contra a ocupação alemã” (Berthier, 2021, 25). A temática de fundo ecoava debates entre Marx e Bakunin sobre o centro de reação da Europa (Berthier, 2021).

Berthier demonstra que a análise kropotkiniana priorizou a situação concreta ao invés de agitar princípios abstratos²⁰, e pesava o fato de que a maior parte dos signatários do manifesto dos dezesseis era composta por militantes que “havam vivido o período da guerra franco-prussiana” e “havam experimentado a regressão sofrida pelo movimento operário após a guerra” (Berthier, 2021, 26). Para

¹⁸ Na realidade, como explica o pesquisador René Berthier, o manifesto foi assinado por 15 militantes, houve uma confusão em relação ao número de militantes.

¹⁹ Bakunin colocara-se favorável à França, durante o conflito com a Prússia no final do século XIX, porque compreendia que a vitória prussiana seria uma catástrofe para a civilização europeia e os movimentos populares da época.

²⁰ Segundo Berthier, ao contrário dos dezesseis, os signatários do documento “A Internacional Anarquista e a Guerra” estabeleceram princípios gerais a serem adotados diante uma guerra, mas não havia nenhuma deliberação tática concreta. (Berthier, 2021, 31).

os anarquistas que assinaram este documento, além do contexto de possibilidade de a assinatura da paz ser totalmente desfavorável em 1916, a vitória alemã teria consequências trágicas para o socialismo e o movimento operário (Berthier, 2021, 38-39).

Berthier defende que a celeuma em torno da assinatura do manifesto é exagerada, tendo em vista que seus signatários eram não apenas minoritários no anarquismo internacional – ainda que a figura de Kropotkin, por sua estatura, possuía um evidente peso – mas com o manifesto, nada puderam influir no decurso dos acontecimentos (Berthier, 2021, 41-42). Berthier analisa tal polêmica por um aspecto interessante que, em nosso presente trabalho, não temos nenhum tipo de objeção séria. Contudo, é possível fazer algumas considerações que podem ser complementares ao núcleo de sua tese, da qual temos acordo. Para Berthier, o “erro de Kropotkin foi que ele não levou em conta o fato de que, quando não é possível agir sobre os eventos, a única coisa que resta é preservar os princípios” (Berthier, 2021, 42) e que ele poderia ter transmitido sua mensagem “sobre as prováveis consequências de uma vitória alemã sem apoiar os Aliados” (Berthier, 2021).

Em nossa concepção, pensamos que, pelo fato de Kropotkin rejeitar a análise principista da realidade (que caracterizava parte do anarquismo da época), ele então acabou deslizando de uma análise da situação concreta para um pragmatismo político (apoio aos aliados). Como vimos anteriormente, há na concepção de imperialismo de Kropotkin a defesa de um método de análise. Foi este método, em grande medida, (ainda que em determinado momento conspurcado por sua posição pragmática como analista), que foi preservado.

Conclusões

Procuramos demonstrar que Kropotkin analisa o fenômeno do imperialismo principalmente a partir do desenvolvimento do capitalismo industrial e do desenvolvimento da economia global. A principal motivação do imperialismo para o russo seria uma motivação econômica de abertura de mercados para as potências imperiais. O enfrentamento do imperialismo, portanto, se daria no enfrentamento do Estado e do capitalismo.

Por outro lado, Kropotkin não descartou a necessidade de enfrentar as justificativas ideológicas que fundamentavam a ação imperialista a partir da ideia “civilizatória”. Para isso, defende que é preciso dar combate no campo da ciência e da educação, como parte desse processo. Mas, o fundamental na análise de Kropotkin é a questão econômica que, entrelaçada à política, faz com que o imperialismo seja um fenômeno que deve ser combatido a partir de uma perspectiva classista.

Depreenderá daí uma determinada política revolucionária, que compreende o apoio às lutas nacionais como fator importante no desenvolvimento do socialismo, assim como as guerras

prejudicariam o desenvolvimento da organização do movimento operário e da ideologia socialista. Mas, que só seria extirpado a partir da ação de massas, do movimento operário organizado, sob uma estratégia revolucionária e internacionalista.

Referências Bibliográficas

Bertonha, João Fábio. 2023. *Imperialismo*. São Paulo: Editora Contexto.

Bekken, Jon. 2018. *Crítica anarquista do capitalismo em Kropotkin*. In: Biblioteca Anarquista.

Casanovas, Joan. 1994. *Labour and Colonialism in Cuba in the Second Half of the Nineteenth-Century*. Ph.D, diss., State University of New York.

Correa, Felipe. 2021. *Kropotkin e as Estratégias Anarquistas: educacionismo, insurrecionalismo e sindicalismo revolucionário*. In: Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA).

Falcon, Francisco. 1985. *A formação do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Hirsch, Steven; Walt, Lucien van der. 2010. Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940. The Praxis of National Liberation, Internationalism, and Social Revolution. *Studies in Global Social History*, Volume: 6 Leiden (Netherlands), Brill

Kropotkin, Piotr. 1871. *A Comuna de Paris..* Disponível em <https://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Kropotkin_Comuna%20de%20Paris.pdf>

Kropotkin, Piotr. Julho de 1895. A Falência do Sistema industrial. In: *La Société Nouvelle*, nº 127.

Kropotkin, Piotr. 2022. A Guerra, 1885a.: *Parolés d'un Revolté*. In: Kropotkin, Piotr. *Guerra*. São Paulo: Intermezzo; Biblioteca Terra Livre

Kropotkin, Piotr. 1895. *A Conquista do Pão*.

Kropotkin, Piotr. 1897a. A força do dinheiro. In: *Les Temps Nouveaux*, 3º ano, nº 5, 29 de maio a 4 de junho.

Kropotkin, Piotr. 1897b. A Última Guerra. In: *Les Temps Nouveaux*, 3º ano, nº 7, 12 de junho a 18 de junho.

Kropotkin, Piotr. 1885b. Finland: A Rising Nationality. In: *The Nineteenth Century*, March

Kropotkin, Piotr. 1885c. O que a Geografia deve ser?. *The Nineteenth Century*, XXI, Londres, dezembro. Disponível em <https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUA CAO/PENSAMENTO%20GEOGR%C1FICO%202017/4-0%20QUE%20A%20GEOGRAFIA%20DEVE%20SER_.pdf>

Kropotkin, Piotr. 1900. Os operários Britânicos e a guerra. In: *Freedom*, n° 146, março-abril.

Kropotkin, Piotr. 1896. War or Peace?. In: *The Labour Leader*

Kumar, Krishan. 2021. Colony and Empire, Colonialism and Imperialism: A Meaningful Distinction? In: *Journal Comparative Studies in Society and History*, n. 63, Issue 2, p. 280-309.

Lamy, Philippe. *A ocupação colonial da África. Da Conferência de Berlim à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Secretaria de Relações Internacionais do PT, s/d.

Moraes, Luís Edmundo. 2017. *História Contemporânea: Da Revolução à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Contexto.

Richards, Vernon. 1896. Translator's Notes, 1986. In. Kropotkin, Piotr. *The State: Its Historic Role*.

Salazar, Luis Suárez; Lorenzo, Tania García. 2008. Las relaciones íteramericanas: continuidades y cambios. Buenos Aires: *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO*.

Silva, Rafael Viana da. 2015. *Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm*: reflexões críticas de sua abordagem do anarquismo. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias.

Silva, Sónia dos Santos. 2014. *A Conferência de Berlim*: Uma visão contemporânea dos problemas de interpretação. São Paulo: Editora Paulinas, 2014.

Skoda, Adriano Gonçalves. 2013. *Kropotkin (1842-1921): Histórias Fantásticas de um Geógrafo Anarquista*. Trabalho de Graduação Individual (TGI), Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Walt, Lucien van der. 2016. Revolução Mundial: para um balanço dos impactos, da organização popular, das lutas e da teoria anarquista e sindicalista em todo o mundo. In: Ferreira, Andrey Cordeiro (ed). *Pensamento e Práticas Insurgentes: Anarquismo e Autonomias nos Levantes e Resistências do Capitalismo no Século XXI*. Niterói (Brasil): Alternativa Editora.